

FARINHA ENQUANTO METÁFORA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS COMPOSIÇÕES *FARINHA*, *TIPITI* E *FARINHADA*

FLOUR AS METAPHOR: A COMPARATIVE ANALYSIS OF THE COMPOSITIONS *FLOUR*, *TIPITI*, AND *FARINHADA*

Alexandre Parada do Nascimento¹ - alexandrepdonascimento@gmail.com

Aline Suelen Santos Sabatini² - aline.santos@ufac.br

RESUMO

Este estudo analisa as canções: *Farinha de Djavan*, *Tipiti de Dona Onete* e *Farinhada de Alberan Moraes*, que compartilham o tema central da farinha como fonte de alimentação e de representação regional. O objetivo aqui proposto é analisar como essas composições incorporam e interpretam a farinha enquanto metáfora das conexões culturais enraizadas. A pesquisa busca identificar elementos linguísticos, a exemplo da metáfora, que evoquem simbolismos e narrativas relacionadas à farinha nas composições elencadas, destacando como esses elementos contribuem para a representação da cultura e das tradições locais. A análise comparativa das canções ressalta pontos em comum e distinções, revelando nuances nas interpretações do simbolismo da farinha e evidenciando as conexões culturais distintas presentes nessas expressões regionais. Os resultados obtidos indicam que a farinha, inicialmente percebida apenas como um alimento comum, metaforiza-se, por meio dessas composições, como aspecto de linguagem para simbolização de diversas narrativas locais. Ao mesmo tempo, as canções desvendam a verdadeira natureza da farinha, elevando-a a um símbolo que transcende as fronteiras culinárias.

Palavras-chave: linguagem; metáfora; farinha.

ABSTRACT

This study analyzes the songs: *Farinha by Djavan*, *Tipiti by Dona Onete*, and *Farinhada by Alberan Moraes*, which share the central theme of flour as a source of sustenance and regional representation. The proposed objective here is to analyze how these compositions incorporate and interpret flour as a metaphor for rooted cultural connections. The research seeks to identify linguistic elements, such as metaphor, that evoke symbolism and narratives related to flour in the listed compositions, highlighting how these elements contribute to the representation of culture and local traditions. The comparative analysis of the songs emphasizes commonalities and distinctions, revealing nuances in the interpretations of the symbolism of flour and highlighting the distinct cultural connections present in these regional expressions. The results obtained indicate that flour, initially perceived only as a common food, metapho-rizes, through these compositions, as a linguistic aspect for symbolizing various local narra-

1 Graduado em Letras – Língua Portuguesa (2023) e mestrando em Letras: Linguagem e Identidade na Universidade Federal do Acre (2023-). E-mail: alexandre.parada@ufac.br.

2 Doutora em Estudos Linguísticos (2019) e professora da Universidade Federal do Acre (2014). E-mail: aline.santos@ufac.br.

tives. At the same time, the songs unveil the true nature of flour, elevating it to a symbol that transcends culinary boundaries.

Keywords: Language; Metaphor; Flour.

<https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/index>

JAMAXI

Jul-Dez | v.7, n.2 | ISSN: 2594-5173

INTRODUÇÃO

Este estudo concentra-se nas composições *Farinha de Djavan*, *Tipiti de Dona Onete* e *Farinhada de Alberan Moraes*, cujo tema central é a farinha. Seu objetivo geral é analisar como essas composições incorporam e interpretam a farinha enquanto metáfora das conexões culturais enraizadas em suas tradições regionais.

Quanto aos objetivos específicos, a intenção é identificar elementos linguísticos, a exemplo da metáfora, que evoquem simbolismos e narrativas relacionadas à farinha nas composições elencadas. Em alguma medida, a ideia é compreender como esses elementos contribuem, também, para a representação da cultura e das tradições regionais a partir da linguagem.

Além disso, busca-se comparar as três composições, destacando os pontos de convergência e as distinções em relação à interpretação do simbolismo da farinha e à maneira como cada uma delas reflete as conexões culturais.

Nesse estudo as composições serão entendidas como formas de expressão cultural, já que elas desempenham um papel significativo na transmissão e na preservação das tradições regionais por meio dos elementos de significação próprios da língua, como a metáfora (Cançado, 2015).

Quanto à farinha, entende-se que surge como elemento intrínseco à culinária e à vida cotidiana em diversas regiões do Brasil, adquirindo significados metafóricos que transcendem o simples aspecto alimentar.

Tem-se como hipótese que cada composição aborda o processo de metaforização de maneira singular, refletindo não apenas as nuances individuais dos artistas, mas também as distintas riquezas culturais presentes em diversas partes do país. Assim, ao identificar as metáforas que evocam determinados simbolismos e narrativas para farinha em cada composição, este estudo busca não apenas desvelar a riqueza poética das letras, mas também compreender como tais elementos contribuem para a representação da cultura e das tradições regionais de onde elas se situam.

Uma análise comparativa entre as três composições permite destacar os pontos de convergência e as particularidades na interpretação da metaforização da farinha, proporcionando uma visão mais ampla das conexões culturais presentes nessas expressões artísticas. Assim, este estudo contribuirá, para uma compreensão da diversidade cultural brasileira, evidenciada por meio da trama composicional que permeia as diferentes regiões do país, através do simbolismo que um alimento comum aos brasileiros pode carregar.

JUSTIFICATIVA

A escolha de investigar as composições centradas no tema da farinha é motivada pela relevância cultural e pela expressão de linguagem (linguística/artística) presentes nessas composições. A farinha, além de ser um elemento fundamental na culinária de diversas regiões do Brasil, adquire significados simbólicos que refletem a riqueza e a

diversidade cultural do país. Nesse contexto, este estudo se justifica pela necessidade de compreender como essas composições interpretam e incorporam o simbolismo da farinha, explorando as conexões culturais enraizadas em suas respectivas tradições regionais, a partir das metáforas que elas evocam.

Outro ponto importante que justifica esta pesquisa está no fato de que a composição (enquanto gênero musical) desempenha um papel crucial na transmissão e preservação das tradições, sendo um veículo poderoso para expressar identidade cultural e social de determinado povo. Ao analisar as diferentes metáforas dessas composições em relação à farinha, pode-se desvendar camadas mais profundas de significado cultural e compreender como as tradições regionais são representadas e perpetuadas por meio da expressão artística musical.

Além disso, a análise comparativa entre as três composições permitirá identificar tanto os elementos comuns, quanto as particularidades presentes na interpretação do simbolismo da farinha, oferecendo reflexões valiosas sobre as distintas manifestações culturais encontradas em diversas regiões do Brasil. Essa compreensão, embora tímida, por se tratar de um breve artigo acadêmico, contribuirá não apenas para os estudos acadêmicos na área de linguagem, música e cultura, mas também para a promoção e valorização das riquezas culturais presentes nas tradições regionais brasileiras. Portanto, esta pesquisa se justifica como uma contribuição significativa para o entendimento da diversidade cultural do Brasil, ao utilizarmos composições de artistas de diferentes regiões do país – a saber: nordeste (Djavan) e norte (Dona Onete e Alberan Moraes) – por meio da lente multifacetada e expressiva da música brasileira.

Por fim, temos o processo de metaforização como ponto de ancoragem da discussão de linguagem movida neste trabalho. Entender que a metáfora não é só um recurso estilístico, mas aspecto da linguagem presente no nosso cotidiano, justifica a premissa dos objetos no mundo (podemos pensar as três composições) enquanto símbolos que organizam também os diferentes processos culturais (Cançado, 2015).

METODOLOGIA

A definição de uma linha investigativa para este artigo é desafiadora, dada a sua facilidade de transitar por diversas abordagens de pesquisa. Nos estudos de linguagem que envolvem produções em diferentes semioses (gráficas e sonoras), a exemplo das composições musicais, faz-se necessário o recorte do aspecto semiótico que queremos evidenciar na análise. Assim, o recorte por uma análise comparativa das letras (aspecto gráfico - verbal) surge como uma opção válida; nos estudos culturais, a ênfase recai sobre uma análise comparativa das expressões culturais intrínsecas às composições; e, nos estudos linguísticos, incorpora-se facilmente nos aspectos de linguagem relacionados ao plano semântico, considerando as composições como uma forma de expressão de linguagem (Cançado, 2015).

Frente à complexidade de se chegar a uma linha de investigação, e compreendendo que seria possível se enquadrar em todas elas, parte-se então para os possíveis métodos de análise aplicáveis ao estudo.

Este é um estudo documental, pois tem seu foco na coleta e revisão de documentos, neste caso, letras de músicas, para compreender o contexto cultural e as possibilidades interpretativas das composições (a depender dos referentes mobilizados), permitindo uma contextualização prévia antes de uma análise comparativa. Segundo Prodanov e Freitas (2013), a análise de documentos é um processo que compreende a observação; a leitura; a reflexão; e crítica do material em análise.

Trata-se de uma análise comparativa pois no seu desenvolvimento, busca-se destacar as semelhanças e diferenças nas representações das composições elencadas para análise. Seu olhar será dado às metáforas, simbolismos e narrativas culturais presentes em cada composição discutindo a representação da farinha. Em conformidade com Gil (2008), usa-se do método comparativo em função dele subsidiar uma possibilidade de “investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles” (Gil, 2008 p. 16).

Por fim, tem-se uma abordagem semiótica, pois entende-se que para analisar as composições, é necessário identificar os signos e símbolos associados à farinha e examinar como esses elementos contribuem para a construção de significado. Para Reis, Almeida e Ferneda (2020):

a análise semiótica é uma forma de investigação que tem como objetivo mapear e analisar as interfaces do fenômeno analisado, tendo como propósito a descoberta de cadeias de interpretações possíveis, além de dar subsídios para o estudo de processos comunicacionais envolvendo mensagens verbais, não verbais, sonoras, imagéticas ou qualquer combinação entre estas modalidades (*Idem*, p. 02).

Após a exposição dos potenciais métodos de análise, procede-se agora à compreensão de alguns dos principais elementos que permeiam o âmbito das composições em estudo.

FARINHA: VARIEDADES, USOS E SABORES

Como já citado anteriormente, um fator comum que envolve as três composições em análise é a *farinha*. Uma pergunta que pode surgir é: o que é farinha? Ao digitar o termo farinha no *Google* a plataforma retornará aproximadamente 74.400.000 resultados, isso porque existem diversos tipos de farinhas e diferentes formas de usá-las.

Dentre os diversos tipos temos: a Farinha de Trigo, a Farinha de Milho, a Farinha de Aveia, a Farinha de Arroz, a Farinha de Amêndoas, a Farinha de Coco, a Farinha de Teff, a Farinha de Sorgo, entre outras, e temos ainda, a Farinha de Mandioca.

A farinha do qual as composições de Djavan, de Dona Onete e de Alberan Moraes tratam é a farinha de mandioca, que já na especificação marca um ingrediente fundamental na culinária brasileira: a mandioca. Essa nominalização da farinha, que não só exclui

a possibilidade de pensar em outros tipos, destaca não só a versatilidade desse ingrediente, mas alude na identificação desse tipo específico de farinha a um alimento essencial em diversos pratos tradicionais. Obtida a partir da raiz da mandioca, a farinha passa por um processo de secagem e moagem, resultando em uma textura fina e granulada.

Conhecida por diferentes nomes em várias regiões do Brasil, como farinha d'água ou beiju, a farinha de mandioca desempenha um papel crucial na preparação de pratos como a feijoada, a tapioca e o famoso pirão. Além de sua presença marcante na gastronomia, a farinha de mandioca é apreciada por sua longa durabilidade e por ser uma excelente fonte de carboidratos. Sua utilização abrange desde acompanhamentos em pratos típicos até a confecção de farofas saborosas, conferindo uma textura crocante e um sabor único às preparações culinárias brasileiras (Souza; Álvares; Nóbrega, 2017).

Segundo Dias e Leonel (2006, p. 692), “a farinha de mandioca caracteriza-se num alimento de alto valor energético, rico em amido, contém fibras e alguns minerais como potássio, cálcio, fósforo, sódio e ferro”. Essa composição nutricional robusta não apenas proporciona uma fonte significativa de energia, mas também contribui para o fornecimento de nutrientes vitais, promovendo a saúde óssea, circulatória e geral do organismo. Desse modo, a farinha de mandioca não só realça o sabor de inúmeras receitas tradicionais, mas se destaca como um componente valioso na busca por uma dieta equilibrada e nutritiva.

Pensando nas origens do consumo de farinha Cascudo (2023, p. 93) aponta que:

Há quase cinco séculos a farinha continua mantendo o prestígio no crédito popular. Essa permanência constituía a imagem da suficiência. Creem-na apta e capaz na exigência da nutrição. Sem ela a refeição estará incompleta e falha. É comida de volume, comida que enche, sacia, faz bucha, satisfaz. Comem-na pura, sessando-a na mão, mastigando a crueira que não pode ser peneirada. Sem farinha, homem não vive.

Pensando em sua diversidade, a farinha de mandioca é versátil e se manifesta em uma variedade de formas, desde a textura crocante que confere a uma farofa saborosa até a base de receitas tradicionais como a tapioca, amplamente apreciada em todo o país. Além disso, a farinha de mandioca é utilizada na produção de beijus e até mesmo em pratos mais elaborados como o pirão. A riqueza dessa farinha não se limita apenas ao seu papel como ingrediente culinário, mas se estende à sua presença em produtos de panificação, bolos, biscoitos e até mesmo em bebidas, onde é incorporada para conferir sabor e consistência. Essa diversidade de usos destaca a importância da farinha de mandioca na cultura alimentar brasileira, proporcionando uma gama infindável de opções e sabores para explorar e apreciar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Visando iniciar as discussões, torna-se necessário apresentar as composições que serão analisadas no presente artigo, para então prosseguir com as discussões a respeito

delas. No quadro abaixo, é possível observar as seguintes composições: *Farinha de Djavan*, *Tipiti de Dona Onete* e *Farinhada de Alberan Moraes*.

Quadro – Canções: Farinha, Tipiti e Farinhada.

Farinha de Djavan (2001)	Tipiti de Dona Onete (2016)	Farinhada de Alberan Moraes (2011)
A farinha é feita de uma planta	Arranca a mandioca	Sou cabra forte sou do norte
Da família das euforbiáceas, euforbiáceas	Coloca no aturá	Sou de cruzeiro do sul
De nome manihot utilíssima	Prepara a sororoca	É tanta farinha pra mandar
Que um tio meu apelidou de macaxeira	Tem mandioca pra ralar	É tanta maniva pra plantar
E foi aí que todo mundo achou melhor	Oh, prepara a peneira	E tanta ladeira e tanta ladeira
A farinha tá no sangue do nordestino	Joga na masseira	Aipim mandioca macaxeira
Eu já sei desde menino o que ela pode dar	Pega no tipiti	Pão da terra comida
E tem da grossa, tem da fina, se não tem da quebradinha	Pra tirar o tucupi	Genuinamente brasileira....
Vou na vizinha pegar pra fazer pirão ou mingau	Fiz meu retiro na beira do Igarapé	Têm a maestria dos fazeres
Farinha com feijão é animal	Fica melhor pro poço da mandioca	Alquimia de transformar veneno
O cabra que não tem eira nem beira	Fiz meu retiro na beira do Igarapé	Pra satisfazer tantos quereres
Lá no fundo do quintal tem um pé de macaxeira	Fica melhor pro poço da mandioca	Da terra sabores, saberes
A macaxeira é popular	De arumã ou tala de miriti	Eu quero o beijũ da nega
É macaxeira pr'ali, macaxeira pra cá	Mandei descer o famoso tipiti	Eu quero o beijũ
E em tudo que é farinhada a macaxeira tá	De arumã ou tala de miriti mandei descer o famoso tipiti (coro)	Na folha da bananeira
Você não sabe o que é farinha boa	Tipiti, piti, piti, piti, piti, piti (coro)	Farinhada o elo
Farinha é a que a mãe me manda lá de Alagoas	De arumã ou tala de miriti	De tantas famílias brasileiras
Você não sabe o que é farinha boa	Pega no ralo, moreno!	Farinha de tapioca, tapioca
Farinha é a que a mãe me manda lá de Alagoas	Na mandioca, morena!	Goma massa fina carimã
Ui, ui	Pega na massa	Farinha d'água bolo de macaxeira
Você não sabe o que é farinha boa	Espreme no tipiti	Quebra jejum beléu biscoito de manhã
Farinha é a que a mãe me manda lá de Alagoas	No balanço da peneira	Sou cabra forte sou do norte
Você não sabe o que é farinha boa	No jogo do tipiti	Sou de cruzeiro do sul...
Farinha é a que a mãe me manda lá de Alagoas	Sai a crueira	Milagrosa curimem caboclinha
	E o gostoso Tucupi	Me disse zeca façanha
	Farinha d'água, farinha de tapioca	Que tinha a manha
	Tem vitamina na raiz da mandioca	De fazer a melhor farinha
		Pato rabada tacacá pratos com tucupi
		Feitos da manipueira água da mandioca
		Comida genuinamente brasileira
		Quem provou aprovou pediu
		Com todo respeito ao Djavan
		A nossa é a melhor farinha do Brasil
		E como diz juraíldes cruz
		Se farinha fosse americana
		Mandioca importada
		Banquete de bacana
		Era farinhada
		A farinha aumenta o que tá pouco
		Esfria o que tá quente
		Engrossa o que tá ralo
		E na pança é que dar sustança
		Aí meu irmão vai uma caçuma
		Ou uma maniçoba....

Fonte: Coletado no site LETRAS.MUS.BR pelos autores (2023)

A FARINHA COMO METÁFORA DA CULTURA REGIONAL

O primeiro aspecto a ser discutido envolve a farinha como um símbolo cultural. Na composição de Djavan, a farinha é apresentada como um símbolo importante da cultura nordestina. Ela é metaforizada como sendo feita da planta “manihot utilissima”, também conhecida como macaxeira, euforbiácea típica da região. Ou seja, uma explicação comparativa que designa a farinha a um outro produto alimentar (a mandioca).

Ainda na composição de Djavan, a farinha é apresentada não apenas como um alimento, mas como parte essencial da identidade cultural nordestina. Ela é mencionada como algo que está “no sangue do nordestino”, indicando a profunda ligação emocional e histórica entre o povo do Nordeste e esse alimento.

Essa proximidade, não só com a farinha, mas com sua matéria prima, a macaxeira, fica mais evidente quando o autor coloca que: “um tio meu apelidou de macaxeira e foi aí que todo mundo achou melhor”. Ou seja, quando se fala no produto, cria-se uma relação de intimidade ao ponto de se construir histórias e mitos regionais sobre ele.

Assim como Djavan, Alberan Moraes destaca a mandioca e a farinha como símbolos centrais da cultura regional. Em sua letra ambos os produtos não representam apenas alimentos, mas também encapsulam a história, tradição e habilidade das comunidades locais em cultivar, processar e transformar a mandioca em uma variedade de produtos, como se pode observar nos versos da composição em análise: “A farinha tá no sangue do nordestino, Eu já sei desde menino o que ela pode dar” (DJAVAN, 2001) e “Me disse Zeca façanha’, ‘Que tinha a manha’, ‘De fazer a melhor farinha” (Moraes, 2011).

Outro ponto relevante é que na canção do compositor acreano Alberan Moraes destaca-se uma ênfase na identidade regional e no orgulho de pertencer a uma determinada região do país. No título da canção, encontramos o fragmento “Sou Cabra Forte, Sou do Norte”, estabelecendo imediatamente uma conexão vigorosa com a identidade regional, o norte do Brasil.

O uso do termo “cabra forte” sugere orgulho e resiliência associados à cultura do Norte do Brasil, enquanto a escolha linguística do termo “Cabra” remete semanticamente a uma expressão local, frequentemente utilizada de maneira informal para se referir a uma pessoa, geralmente de forma amigável; por exemplo, “Cabra Bom!” é uma expressão comum no norte do país que remete a uma pessoa que possui virtudes.

Na canção “Tipiti” de Dona Onete, o aspecto regional não é explicitamente observado, mas está implicitamente presente no modo como a composição é materialmente organizada. Verbos como *arranca*, *coloca*, *prepara*, *peneira* e *espreme*, *ralar*, descrevem ações intrínsecas ao processo de preparo da farinha. Esses termos são regionais, locais, e pertencem a um contexto específico. As significações geradas pela própria canção, que funciona como uma descrição do preparo da farinha, remetem vivamente à realidade regional.

VALORIZAÇÃO DAS TRADIÇÕES: A CONEXÃO COM A TERRA E A AGRICULTURA

O segundo aspecto a ser discutido é de como o objeto farinha metaforiza a valorização das tradições, a conexão com a terra e a agricultura local. Na composição *Farinha de Djavan*, o refrão, repetido diversas vezes, sugere uma ligação afetiva do eu-lírico³ com a farinha enviada por sua mãe de Alagoas. Isso destaca a importância da tradição familiar e da herança cultural na preservação e valorização da farinha na cultura nordestina, evidenciando como a cultura alimentar é transmitida de geração em geração. A própria letra da canção enfatiza que a “farinha boa” é aquela enviada pela mãe do cantor de Alagoas, ressaltando a valorização dos produtos locais e artesanais em contraposição aos industrializados.

Outro ponto relevante na composição de Djavan envolve a ideia de buscar farinha na vizinhança quando não se tem da “quebradinha”, destacando o desejo por qualidade e autenticidade na comida, reforçando, mais uma vez, uma oposição aos produtos industrializados, como se lê nos versos: “E tem da grossa, tem da fina, se não tem da quebradinha, vou na vizinha pegar pra fazer pirão ou mingau” (Djavan, 2001).

Além disso, esse aspecto evidencia a capacidade do ser humano de viver em coletividade e de compartilhar suas posses demonstrando sua natureza moral, como aponta Durkheim (1999, p. 421) “o homem só é um ser moral porque vive em sociedade, pois a moralidade consiste em ser solidário de um grupo e varia de acordo com essa solidariedade”. A natureza social e comunitária dos seres humanos é fundamental para a realização plena do indivíduo. Ao compartilhar refeições com os vizinhos e celebrar alimentos em conjunto, as pessoas estão participando ativamente na construção e manutenção de comunidades. Logo, essas práticas alimentares não se limitam apenas à nutrição física, desempenhando também um papel vital na nutrição social e emocional desse ser, que é social.

Dando continuidade, quando se pensa na conexão com a terra, a composição celebra a simplicidade da culinária nordestina destacando como ingredientes modestos podem resultar em pratos deliciosos e reconfortantes: “pra fazer pirão ou mingau, Farinha com feijão é animal” (Djavan, 2001).

Na canção de Dona Onete o uso de termos regionais como “aturá”⁴ e “sororoca”⁵ demonstra a riqueza linguística da cultura local. Isso também revela a importância da mandioca na vida cotidiana das pessoas da região, pois esses termos são específicos para descrever seu processamento e remetem a esse contexto de produção local.

3 Entendido como a voz que se manifesta na composição, o eu-lírico é encontrado nos trechos: “Que um tio meu apelidou de macaxeira”; “Eu já sei desde menino o que ela pode dar”; “Vou na vizinha pegar pra fazer pirão ou mingau”.

4 Dicionário Priberam (2023): Grande cesto cilíndrico para transporte de produtos agrícolas.

5 Arbusto com uma folha semelhante à da folha de bananeira, ótima para envolver um peixe e assar na brasa, ou envolver cestos ou paneiros para manter farinha, açúcar gramixó ou cereal no seu interior. O mesmo que sororó.

O “tipiti”⁶ por sua vez, é mencionado repetidamente na composição, destacando-o como um símbolo cultural e tradicional importante. Essa ferramenta é essencial na extração do tucupi da mandioca e representa a sabedoria e a tecnologia indígena utilizada na região.

A composição também faz referência à “arumã”⁷ e à “tala de miriti”⁸, materiais tradicionalmente usados na cultura indígena da Amazônia. Essas referências destacam a influência das culturas indígenas na culinária e na vida cotidiana da região.

A referência ao “retiro na beira do Igarapé” na composição em análise evoca uma imagem de uma vida simples e próxima da natureza, como se essa referência metaforizasse pessoas que vivem em harmonia com o ambiente natural da Amazônia. Isso ressalta a importância da conexão com a natureza na cultura regional.

Pensando na agricultura local, a composição descreve minuciosamente cada etapa do processo de preparação da mandioca, desde o arranque da mandioca até a obtenção do tucupi. Essa descrição detalhada parece uma homenagem à tradição culinária regional, destacando a habilidade e o conhecimento necessários para realizar essas tarefas.

A suposição do ritmo da música na repetição de certos versos, como “Tipiti, piti, piti,” podem ser interpretados como uma forma de homenagear ou representar a tradição oral e a música popular da região, enfatizando a importância da cultura oral na transmissão das tradições locais. Isso se deve ao fato de que a preparação de determinados alimentos não será encontrada nos livros de receitas ou em uma simples busca na internet. Algumas dessas tradições podem ser descritas por meio de sistemas semióticos, como pinturas, mitos, lendas e contos.

Na composição do acreano Alberan Moraes, percebe-se um destaque a pratos e alimentos regionais, como “tacacá,” “bolo de macaxeira,” “pato,” “rabada,” e “tucupi,” enfatizando a diversidade e riqueza da culinária local. Isso também mostra como a mandioca e a farinha são ingredientes fundamentais para esses pratos tradicionais.

Semelhante ao eu-lírico da composição do Djavan, o de Alberan também traz a ideia de que a farinha é o elo de tantas famílias brasileiras, sugerindo que a produção e o consumo de farinha são uma parte essencial da vida cotidiana e da identidade cultural das pessoas da região. Como se pode ler nos versos: “‘Farinhada o elo’; ‘De tantas famílias brasileiras’” (Moraes, 2011).

O substantivo “Farinhada”, além de aludir para um processo de moagem de um cereal, ou seja, de extração de farinha e seu processamento, parece recuperar uma memória de reunião quando explica que é “o elo” e em seguida sugere uma certa quantificação – “De tantas” – sem mensurar exatamente esse quantificador, mas especificando os seus consumidores: as “famílias brasileiras”.

6 Dicionário Priberam (2023): Recipiente cilíndrico tecido de palha em que se espreme a mandioca antes de ir ao forno.

7 Dicionário Priberam (2023): Espécie de junco com que se fazem paneiros, balaies, entre outros.

8 UFRA (2023): “Miriti é uma palmeira bem conhecida na região amazônica, também chamada de buriti. A tala de miriti pode ser usada em diversos artefatos como, isolante térmico e acústico, cosmético, acessório, alimento e até filtro natural de água”.

A “Alquimia de transformar veneno” mencionada no verso da composição de Alberan Moraes é uma metáfora poderosa para a transformação da mandioca, que contém substâncias tóxicas, em alimento seguro e saboroso. Isso parece ressaltar a perícia e o conhecimento passados de geração em geração necessários para essa transformação.

Seguindo a mesma linha dos demais, na composição de Alberan Moraes é possível observar orgulho em relação à qualidade da farinha local⁹ ao citar nos versos que “A nossa é a melhor farinha do Brasil”, refletindo a valorização dos produtos regionais e a crença de que são superiores aos produtos industrializados.

Por fim, no fragmento “milagrosa curimem caboclinha me disse Zeca Façanha, que tinha a manha de fazer a melhor farinha”, a referência a Zeca Façanha ressalta a importância de respeitar e preservar as tradições e a herança cultural transmitidas por gerações anteriores. O uso desse codinome “Zeca Façanha” parece ainda remeter a uma expressão popular de quem tem a proeza do manejo com esse produto local.

O verso citado acima aponta também para as conexões com os povos indígenas por meio do fragmento “curimem¹⁰ caboclinha¹¹”. Essa expressão destaca a influência e o vínculo cultural entre a comunidade e suas raízes indígenas, destacando a riqueza e a diversidade das tradições locais.

VERSATILIDADE DA FARINHA E DA MANDIOCA

O terceiro aspecto a ser discutido envolve a versatilidade da Farinha e da Mandioca. Na canção de Djavan, a letra aponta para uma diversidade de tipos de farinha, como “da grossa”, “da fina” e “da quebradinha”. Essa variedade de farinhas reflete a riqueza da culinária regional e as diferentes formas de prepará-la.

A composição de Djavan também ressalta como a farinha é versátil na culinária nordestina, sendo utilizada para preparar diversos pratos, como “pirão” ou “mingau”. Isso enfatiza a criatividade e a capacidade de aproveitar ao máximo os recursos disponíveis na região.

Ainda na composição de Djavan, a combinação de farinha e feijão é descrita como “animal”, uma expressão comum no Brasil para descrever uma combinação impressionante, extraordinária ou surpreendente, ressaltando a importância dessa refeição na cultura nordestina. Essa combinação representa a simplicidade e a riqueza da gastronomia regional, pois são dois elementos frequentes na mesa dos brasileiros.

9 Não se pode deixar de destacar, conforme dados do IBGE, que o Estado do Acre é o segundo maior produtor de farinha de mandioca da região norte e que a farinha produzida neste Estado, mais precisamente em Cruzeiro do Sul, entrou, em 2017, para lista de produtos com Selo de Indicação Geográfica, pelo reconhecimento da qualidade e da procedência do produto. Ou seja, é registrada como produto típico brasileiro e é mais um motivo que muito orgulha os acreanos/produtores locais (SOUZA; ÁLVARES; NÓBREGA, 2017).

10 Dicionário Priberam (2023): “Curimim” vem do tupi “*kunumim*” e significa menino(a), jovem. O autor pronuncia Curimem, o que parece ser um traço fonético regional.

11 Vem da palavra Caboclo que segundo o Dicionário Priberam (2023) remete a um “nativo mestiço de branco com índio, cujos traços físicos incluem pele acobreada ou morena e cabelos escuros e lisos”.

Na composição *Tipiti de Dona Onete*, é possível observar a menção à produção de diferentes tipos de farinha, como a “farinha d’água” e a “farinha de tapioca”, destacando, desta vez, a versatilidade da mandioca na culinária regional. Isso evidencia como a mandioca pode ser transformada em diversos produtos que integram uma dieta local.

Por fim, na canção do acreano Alberan Moraes, observa-se uma lista de diferentes produtos derivados da mandioca, como: “beijú”, “tapioca”, “bolo de macaxeira”. Isso demonstra a versatilidade da mandioca, destacando seu papel central na alimentação e na economia da região.

DO ALIMENTO ESSENCIAL A UM SÍMBOLO DE SUSTENTABILIDADE

O terceiro aspecto a ser discutido envolve a farinha e a mandioca como alimento essencial e um símbolo de sustentabilidade. Na canção de Alberan Moraes, destaca-se a importância nutricional da farinha, descrevendo como ela “aumenta o que tá pouco, esfria o que tá quente, engrossa o que tá ralo”. As significações produzidas por esse trecho podem indicar vários aspectos, sendo importante observá-los em detalhes.

Ao dizer que “aumenta o que tá pouco”, pode significar que a farinha é frequentemente usada para dar consistência e volume a massas, molhos e outros pratos. No entanto, também pode ser interpretado como uma metáfora indicando que a farinha representa algo que suplementa ou reforça aquilo que está em falta na vida de alguém, em termos de recursos alimentares. Em um contexto de escassez alimentar, por exemplo, a farinha é algo que pode dar volume ao prato, sendo um elemento fundamental para garantir sustento e energia. Ao citar que “esfria o que tá quente”, a farinha pode ser usada para espessar molhos e sopas, reduzindo a temperatura aparente dos alimentos. E ao dizer que “engrossa o que tá ralo”, pode significar que ela é frequentemente usada para dar consistência a líquidos, conferindo densidade a uma mistura.

Na composição de Alberan Moraes aponta-se que: “‘É tanta farinha pra mandar’; ‘É tanta maniva pra plantar’; ‘E tanta ladeira e tanta ladeira’”. Esses versos revelam um aspecto logístico essencial na economia de Cruzeiro do Sul, no Acre. A farinha, nesse contexto, emerge como um componente central na produção local, partindo de Cruzeiro do Sul pelas suas ladeiras e morros íngremes em direção a outras regiões do país. Todo esse processo demanda uma eficiente cadeia de suprimentos, que se inicia no plantio da maniva, passa pela produção, transporte e alcança sua destinação final; configurando assim, um meio de sustento aos seus produtores.

A canção de Dona Onete menciona que “tem vitamina na raiz da mandioca”, o que pode ser interpretado como uma metáfora para a riqueza cultural e nutricional que a mandioca representa, podendo ser considerada um alimento fundamental na região, fornecendo sustento e ao mesmo tempo, valor simbólico.

Por fim, na canção *Farinha de Djavan*, não é diferente; é citado que a macaxeira é cultivada no “fundinho do quintal”, indicando que faz parte da agricultura local e da

subsistência das famílias nordestinas. Isso ressalta a sustentabilidade e a importância de produtos cultivados localmente para a sobrevivência de comunidades locais.

A IDENTIDADE DA FARINHA

Como vem sendo discutido, a farinha é o elemento central das canções; cada uma delas aborda vários pontos em comum que foram apontados acima, mas um aspecto importante deve ser observado: cada composição tenta, por si só, mostrar uma possível identidade da farinha.

Cada música está enraizada em uma região geográfica diferente do Brasil. *Farinha de Djavan* metaforiza a cultura nordestina, enquanto *Tipiti de Dona Onete* faz referência à Amazônia e *Farinhada de Alberan Moraes* celebra a região Norte do Brasil, especificamente Cruzeiro do Sul, no Acre. Isso implica em diferentes abordagens culturais e tradições culinárias.

No trecho “Com todo respeito ao Djavan, a nossa é a melhor farinha do Brasil”, Alberan Moraes demonstra ousadia ao estabelecer uma relação de intertextualidade com a canção de Djavan. Isso revela a intrínseca natureza humana de buscar pertencimento ou apropriação de algo próprio para si. Surge, assim, uma identidade específica para a farinha, a do Nordeste, outra, do Norte Amazônico de modo geral, mas, dentro desse contexto nortista e amazônico, tem-se a farinha de Cruzeiro do Sul.

A farinha de Cruzeiro do Sul, nesse contexto, tem sua origem no Norte e na região amazônica, embora seja complexo classificá-la rigidamente como uma farinha do Norte. Isso se deve ao fato de que, mesmo pertencendo a essa região geográfica, ela é uma variedade específica do Acre, mais precisamente originária de Cruzeiro do Sul. Para compreender essa distinção, é relevante apontar que, mesmo quando comparada a farinhas de outras localidades da região, como Rio Branco e outros municípios do Acre, os cruzeirenses não reconhecem nenhuma delas como sendo tão autêntica quanto a farinha de Cruzeiro do Sul. Essa observação evidencia um forte senso de pertencimento e a busca intrínseca da natureza humana por uma identidade para si e para aquilo que ela é capaz de produzir. Nesse sentido a farinha de Cruzeiro do Sul para eles é única e não é possível compará-la a nenhuma outra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo era analisar de forma comparativa como as composições *Farinha de Djavan*, *Tipiti de Dona Onete* e *Farinhada de Alberan Moraes* incorporam e interpretam a farinha enquanto metáfora das conexões culturais enraizadas. A pesquisa buscou identificar elementos linguísticos, tais como a metáfora, que evoca simbolismos e narrativas relacionadas à farinha nas composições elencadas, destacando como esses elementos contribuem para a representação da cultura e das tradições locais.

Diante do que foi apresentado nos tópicos de análise é possível constatar que cada composição destaca aspectos específicos da cultura regional. *Farinha de Djavan* enfatiza a

relação emocional com a farinha e a herança cultural familiar. *Tipiti de Dona Onete* explora a alquimia envolvida no processamento da mandioca e a vida na beira do igarapé na Amazônia. *Farinhada de Alberan Moraes* concentra-se no orgulho regional e na diversidade culinária do Norte do Brasil. A conclusão a que se pode chegar é que cada música utiliza de elementos metafóricos, como o da comparação, para simbolizar as singularidades da relação do eu-lírico com a farinha de mandioca.

De maneira geral, as composições trazem à tona pontos de discussão relevantes para a sociedade, sendo um deles a habilidade de construir convivência através de um alimento de extrema importância para uma comunidade. Isso entra em conflito com o ditado popular brasileiro, levando-nos a questionar: será mesmo que “Farinha pouca é meu pirão primeiro”?! Ao analisar as composições, percebe-se que a farinha é muito mais do que apenas um alimento; ela evoca união, trabalho e sobretudo comunhão. Na canção de *Farinhada de Alberan Moraes* tem-se o seguinte verso que reforça essa ideia: “farinhada o elo de tantas famílias brasileiras”, como já citado na análise.

Quando se analisam as canções, algumas indagações são possíveis, tais como: na poesia das notas e letras, reside a verdadeira identidade da farinha? Será que um alimento tão popular como este possui uma identidade única? Essa é, de fato, uma questão complexa que demandaria diversos estudos. No entanto, o que parece evidente é que cada composição, cada manifestação artística, carrega consigo um senso de pertencimento, pois isso é parte intrínseca da natureza humana, a busca por uma identidade. Cada vez mais essa procura é metaforizada para objetos, pessoas, grupos, e as canções ilustram que nem mesmo os alimentos escapam desse anseio humano de pertencer e se identificar. Esses representam apenas dois pontos significativos que podem ser extraídos das canções que abordam questões sociais e alimentares.

Retomando o objetivo e fechando a presente análise, conclui-se que as composições investigadas não apenas iluminam as múltiplas facetas do simbolismo da farinha, mas também ecoam a complexidade inerente à construção da identidade cultural. Cada letra, torna-se um veículo para a preservação e expressão de tradições, laços familiares e pertencimento regional. A farinha, inicialmente encarada como um simples alimento, emerge dessas composições como um poderoso catalisador de narrativas humanas. A leitura pelo viés comparativo das composições de *Farinha*, *Tipiti* e *Farinhada* permite afirmar que a farinha de mandioca, produto da cultura brasileira, metaforiza as experiências que o homem, enquanto ser simbólico, trava com a linguagem/mundo.

REFERÊNCIAS

- CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica**: noções básicas e exercícios. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2023, 972 p.
- ONETE, Dona. **Tipiti**. Intérprete: Dona Onete. Compositores: Dona Onete. Álbum: Banzeiro. Gravadora: N/A Music. Ano: 2016. Formato: CD.
- DJAVAN. **Farinha**. Intérprete: Djavan. Compositores: Djavan. Álbum: Milagreiro. Gravadora: Epic. Ano: 2001. Formato: CD.

DIAS, Larissa Tavares; LEONEL, Magali. **Caracterização físico-química de farinhas de mandioca de diferentes localidades do Brasil**. Ciênc. agrotec., Lavras, v. 30, n. 4, p. 692-700, jul./ago., 2006.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/> [consultado em 03-12-2023].

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GIL, A. C.. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MORAES, Alberan. **Farinhada**. Intérprete: Alberan Moraes. Compositores: Alberan Moraes. Álbum: Teatro de Deus. Gravadora: Alberan Moraes [Dist. Quae]. Ano: 2011. Formato: CD.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REIS, M. C. dos; ALMEIDA, C. C. de; FERNEDA, E. **Métodos de análise semiótica: possibilidades de aplicação na Ciência da Informação**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 16, p. 1-30, 2020.

SOUZA, Joana Maria Leite; ÁLVARES, Virgínia de Souza; NÓBREGA, Murielly de Sousa (editoras técnicas). **Indicação geográfica da farinha de mandioca de Cruzeiro do Sul, Acre**. Brasília, DF: Embrapa, 2017.

UFRA. **Miriti: a palmeira tem usos que vão de isolamento térmico a indicativo de qualidade de água**. Belém: Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), 03 de outubro de 2023. Disponível em: <https://abre.ai/iWL1>. Acesso em: 03 de dezembro de 2023.